

**Título:**

A importância da manutenção relações familiares para o idoso institucionalizado.

**Autor:**

Fernando Augusto Pereira

Docente do Instituto Politécnico de Bragança; Investigador do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCEUP; Coordenador do Núcleo de Investigação e Intervenção do Idoso.

[fpereira@ipb.pt](mailto:fpereira@ipb.pt).

**Resumo:**

Este artigo resulta do desenvolvimento de uma palestra sobre a importância da família para a qualidade de vida do idoso, proferida em Março de 2007, nas celebrações do décimo aniversário da Fundação Betânia, instituição de acolhimento de idosos localizada em Bragança, Trás-os-Montes, Nordeste de Portugal. O desenvolvimento foi no sentido de conceber um texto de interesse pedagógico para o curso de Gerontologia. Sendo a velhice uma etapa de intensos fenómenos de socialização e de construção identitária, de perdas e de ganhos de papéis sociais, temos como objectivo principal, fundamentar, teórica e conceptualmente, a importância das relações familiares no envelhecimento saudável e socialmente gratificante dos idosos institucionalizados.

As ciências sociais centraram a atenção nos processos de socialização e de construção identitária até à idade adulta, prestando, comparativamente, pouca atenção aos processos verificados no idoso. Os contributos mais notáveis neste âmbito advêm do Interaccionismo Simbólico (proposto por George Mead e seus seguidores) e, no campo da psicologia, da teoria da identidade de Erik Erikson. Ambos concedem importância maior ao jogo dos papéis sociais e à interacção social como processos de construção e reconstrução contínua da sociedade e dos grupos sociais. Nestas duas perspectivas a vida social, activa e sempre em mudança, acompanha todas as fases da vida biológica.

**Palavras-Chave:**

Socialização, Ego, Relações Familiares, Serviços de Saúde para Idosos

(Socialization, Ego, Family Relations, Health Services for the Aged )

## **1. Introdução: aportes teórico-conceituais sobre a socialização e a construção identitária dos idosos**

No campo da psicologia e da sociologia, em cerca de dois séculos de conhecimento acumulado, abundam as teorias sobre os processos de socialização e de construção da identidade. Todavia, os esforços de teorização circunscrevem-se em larga medida ao desenvolvimento do ser humano até à idade adulta. A socialização dos indivíduos visa a sua integração na sociedade, capacitando-os para a sua tarefa de reprodução social, neste sentido foi dada primazia ao estudo e compreensão das etapas do desenvolvimento humano conducentes ao indivíduo adulto socialmente competente. Esta limitação é, em parte, explicada pelos enfoques clássicos da psicologia e da sociologia, concretamente pela visão funcionalista e estruturalista da sociedade e pela perspectiva psicanalítica do indivíduo.

No campo da sociologia, o primeiro contributo teórico, que merece destaque, emana do Interaccionismo Simbólico (IS) inaugurado por George Herbert Mead na sua obra *Mind, Self and Society* (1962). O IS concede importância primordial ao papel dos actores (pessoas ou grupos de pessoas) na construção social da realidade; a sociedade, ao invés de ser exterior ao indivíduo, é, simultaneamente, factor e produto da acção constante dos indivíduos (Blumer, 1982). Depreende-se, por nada ser explicitamente dito em contrário, que a socialização dos indivíduos se prolonga ao longo de todo o ciclo de vida e, em consequência, sociedade é continuamente construída e reconstruída pela acção de todos os seus membros, idosos incluídos.

Por seu turno, no campo da psicologia, temos a obra de Erik Erikson, alemão naturalizado norte-americano que viveu até 1994, considerado pela literatura científica como freudiano e interaccionista. A teoria da identidade de Erikson é uma teoria do desenvolvimento óptimo, a sua finalidade principal é a compreensão do normal e a sua potencialização e não tanto o esclarecimento do patológico (Lopes, 2001). Erikson concebe o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos em oito estágios consecutivos que cobrem todo o ciclo de vida; o último, o oitavo, é dedicado justamente à idade adulta madura, entendida esta a partir dos 60 anos de idade (Lopes, 2001). Segundo este autor ainda o essencial do processo de socialização neste estágio é a manutenção da integridade do Eu (ou seja, a manutenção, na medida do possível, dos diferentes papéis sociais, evitando a desesperança (Lopes, 2001). A integridade do Eu significa chegar a esta etapa da vida e ser capaz de olhar para trás e aceitar, no essencial, o percurso percorrido, as escolhas realizadas, os sucessos e insucessos, aceitar a vida como ela foi vivida

e, desta forma, rezear menos a doença, a dependência ou até a morte. Erikson, chama a este estado de alma, a este auto-conceito, a sabedoria dos mais idosos. Esta é essencial para o próprio idoso em si mesmo, mas também para os seus familiares mais novos, e até amigos, pois reconhecem nessas pessoas exemplos, lições de vida, que os ajudam, por sua vez, a enfrentarem a sua própria vida.

Ao contrário de Piaget, que enfatiza as reciprocidades dos indivíduos com os outros em termos de compensações (incorporando-se assim uma espécie de moral societária), Erikson enfatiza os afectos, sendo espectável que a partilha de afectos positivos entre os indivíduos se traduza na obtenção de grupos sociais saudáveis, eficazes, agradáveis. Daqui se depreende a sua primordial importância para a socialização dos idosos.

A teoria da identidade em Mead e em Erikson, em consonância com a teoria das relações sociais de Serge Moscovici, assim como outros autores construtivistas, enfatizam a importância da interacção com os outros (semelhantes) como mecanismo essencial dos processos de construção identitária dos indivíduos e da própria sociedade. De forma simplificada podemos imaginar a identidade dos indivíduos formada por um núcleo, de difícil alteração, que corresponde aquelas características da personalidade que conferem continuidade aos indivíduos (uma narrativa coerente de si próprios) e, envolvendo este núcleo, os diferentes papéis sociais dos indivíduos (parentesco, idade, profissão, género, entre outros). A identidade dos indivíduos resulta assim da constante articulação eficaz entre estes papéis sociais e entre estes e o núcleo central. O jogo dos papéis sociais joga-se, claro está, nos meios físicos e sociais frequentados pelos indivíduos.

### **A idade da reforma como estágio de re-socialização intenso**

Como já se disse o indivíduo vive um processo contínuo de socialização, todavia existem circunstâncias em que a exposição a novos ambientes físicos e sociais é tão abrupta que obriga a um intenso processo de des-construção e construção de novos papéis sociais. Isto acontece, por exemplo, aos emigrantes, aos militares, aos presidiários, aqueles que se decidem por uma vida religiosa de clausura e também aos idosos quando institucionalizados (Carrajo, 1999).

Na idade da reforma podem ocorrer um conjunto diversificados de rupturas sociais: o abandono da vida profissional activa e o corte das relações com os colegas e amigos, perda de alguns familiares e amigos de longa data, perda do cônjuge, perda de alguma independência financeira,

perdas ao nível da saúde, entre outras. De um modo geral, as redes sociais diminuem de tamanho, concentrando-se nos familiares (Sousa *et al*, 2004). Estes fenómenos são mais intensos quando a alternativa para os idosos é a sua institucionalização, pois, normalmente, nestes casos se verifica uma mudança mais radical do meio físico e social.

Neste sentido os indivíduos têm de passar por uma profunda alteração dos papéis sociais: estabelecer novas relações de amizade e de afecto, encontrar novas formas de ocupar o tempo livre, arranjar “esquemas” de manutenção das relações sociais de sempre, adaptarem-se às novas regras que sempre existem nos lares e residências. É um período intenso de profunda alteração identitária, nem sempre bem conseguida. Imaginemos o exemplo de um agricultor que “troca” a sua casa na aldeia por uma residência de idosos na cidade; repare-se, de uma assentada, “troca” o campo (o ar livre, o espaço aberto, o trabalho de toda a vida, os amigos e vizinhos, os animais e recantos da aldeia, a azáfama diária, o controlo total da sua vida e ritmos), pela cidade (por um grupo de pessoas que até aí desconhecia, pela interiorização de regras e normas, por novas rotinas alimentares, pelo desafio de actividades até aí não experimentadas, por um espaço mais ou menos confinado, etc).

Naturalmente, há um processo de reconstrução identitária que tem de ser feito, perderam-se muitas identidades de papel tidas até então e ganharam-se outras. Será lícito esperar que até a componente mais estável da personalidade dos indivíduos careça de adaptação e de articulação com as novas identidades de papel. São espectáveis e compreensíveis, receios, resistências, amarguras. Algo semelhante acontece quando deixamos um filho na creche ou infantário pela primeira vez, quando vamos à escola no primeiro dia de aulas, quando abandonamos a casa parental para ir estudar ou ir para a tropa, quando casamos, quando nos divorciamos, quando esperamos o primeiro filho, enfim em muitas situações e etapas da vida. O que pretendo com estes exemplos e analogias é chamar a atenção para a conveniência de encarar todos estes momentos como normais, como acontecimentos próprios da condição humana, em ambiente de modernidade tardia, tal como definida por Giddens (2001).

### **O papel da instituição e da família**

A institucionalização dos idosos em lares e residências, implica quase sempre o abandono dos papéis de família de procriação (que, aliás, na maioria das vezes estavam já terminados ou com reduzida importância) sobretudo papéis de pais e de avós. Por outro lado, implica também um

corte mais ou menos profundo com os papéis de família de orientação, sobretudo irmãos, sobrinhos e outros parentes mais afastados. Todavia, em sentido oposto, particularmente no caso de adaptações bem sucedidas, as pessoas da instituição (utentes e cuidadores) podem funcionar um pouco como “família de adopção”, sendo frequente a criação de laços de profunda afectividade nestas condições. Porém há diferenças (Relvas, 1996): as relações com a “família de adopção” são limitadas no tempo, enquanto que as relações com a família de procriação e de orientação são relações de e para toda a vida; os afectos que se ganham sobretudo da parte dos cuidadores são tendencialmente generalizados e não exclusivos; e, finalmente, os modos de vida e as actividades propostas revelam uma maior uniformidade.

Ou seja, por mais eficaz que seja a instituição, por mais competentes e afectivos que sejam os cuidadores, o lugar dos elementos da família jamais será colmatado na íntegra. Logo, é necessário manter um contacto estreito com a família dos idosos institucionalizados.

O que deve esperar então dos familiares? Os familiares, assim como os cuidadores e os próprios idosos devem, antes de mais, aceitar o envelhecimento como mais um estágio de socialização próprio da condição humana. Devem, na perspectiva da construção identitária de Erikson, encarar o envelhecimento como um período de capitalização de todas as aprendizagens realizadas.

Neste sentido, cabe aos familiares das pessoas institucionalizadas, fazerem o que está ao seu alcance para manterem a normalidade dos laços afectivos com essas pessoas. Isto é, se até aí era comum encontrarem-se, por exemplo, uma vez por semana, pois devem continuar a fazê-lo; se era hábito irem à pesca nos sábados de Primavera, pois devem continuar a pescar; se era costume convidarem o tio para as festas da aldeia ao da família, pois convidem-no à mesma; se o avô ou a avó serviam para qualquer tipo de apoio ou aconselhamento, pois então devem continuar sábios como até aí.

Vejamos. A institucionalização implica sempre rupturas afectivas, implica sempre a necessidade de construção de novos afectos, mas tudo será mais simples e menos doloroso, se essas rupturas não ocorrerem de forma tão abrupta e irreversível. Se isto acontecer o idoso não se sentirá tão “vazio” e poderá construir com muito mais serenidade os seus novos afectos e experimentar novas actividades. Carrajo (1999) refere, e bem, que as visitas dos familiares ou os convites para os idosos passarem alguns dias em casa da família, entre outros benefícios, aumenta a auto-estima dos idosos juntos dos seus companheiros de instituição. De facto assim

é, mas se a auto-estima destes é aumentada, na mesma proporção é diminuída a auto-estima dos que não são visitados ou convidados.

Voltando a Erikson é importante que o meio físico e social dos idosos institucionalizados seja um meio de desenvolvimento óptimo. O homem é um ser biológico e social, sabemos que a biologia segue sempre o seu caminho mas, enquanto houver caminho a percorrer, o social tem de estar presente com o mesmo espírito de protecção e de carinho dispensado às crianças e jovens, por exemplo. O envelhecimento humano pressupõe, e exige, uma grande atenção ao social, ao cultural, ao histórico, ao psicológico, ao afectivo, ao familiar, entre outros aspectos (Leandro, 2001).

### **As dificuldades acrescidas da actual geração de idosos institucionalizados**

A geração de idosos actualmente institucionalizados, e por consequência os cuidadores e familiares dos mesmos, enfrentam, de facto, as maiores dificuldades para conseguirem um envelhecimento com qualidade. Isto deve-se a duas ordens principais de razões.

A primeira deriva do facto de, na actualidade, se começar a fazer sentir em pleno os efeitos da institucionalização massiva de idosos, isto é, tal como aconteceu noutros sectores da sociedade portuguesa, na educação e na saúde, por exemplo, há muitos idosos que já estão ou precisam de ser institucionalizados.

A segunda, menos visível, mas seguramente muito mais poderosa nos seus efeitos, consiste na matriz socializadora da geração dos idosos actuais que viveram e experienciaram processos de socialização e de construção identitária mais seguros, previsíveis e estáveis e menos diversificados do que os das gerações mais novas, por exemplo dos seus filhos. Em algumas sociedades, como a norte-americana e europeia, os processos de socialização vão no sentido de maior independência e reciprocidade das relações intergeracionais familiares, logo os filhos e pais estão “preparados” para viverem as suas vidas com maior independência. Pelo contrário, na sociedade portuguesa, essa forma de encarar a vida é muito mais recente, e não abrangeu a actual geração de idosos, por isso, o sentimento de vazio, de perda de identidade, que pode levar à desesperança (no sentido de Erikson) é muito maior e pode conduzir a desencontros de expectativas. Cabe às gerações mais novas, aos filhos dos idosos actualmente institucionalizados, fazerem esse “esforço” suplementar, retribuindo assim aos seus pais o “esforço” suplementar que eles fizeram no sentido de compreenderem as suas necessidades de

maior independência. Como diz Moragas (2004) trata-se de manter as relações intergeracionais e familiares em equilíbrio e satisfação para ambas as partes, colocar a tônica na cooperação e não no conflito de papéis.

Na próxima geração de idosos, estas duas ordens de razões estarão, concerteza, mais esbatidas, a primeira porque o país se soube dotar dos meios e estruturas necessárias; a segunda porque a nova geração de idosos deverá continuar a demonstrar uma maior plasticidade da identidade, isto é, maior capacidade de adaptação à mudança e às circunstâncias da pós-modernidade. Esta situação, a registar-se, facilitará um pouco a vida dos idosos, familiares e dos cuidadores.

#### **4. Referências Bibliográficas**

BLUMER, Herbert. *El Interaccionismo Simbolico: Perspectiva y Metodo*. Hora, S.A., Barcelona, 1982. 160 p.

Carrajo, Manuel. *Sociología de los Mayores*. Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1999). 242 p.

Giddens, Antony. *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, Porto, 2001. 215p.

Leandro, Maria. *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*, Universidade Aberta. Lisboa, 2001. 334 p.

Lopes, Amélia. *Libertar o Desejo, Resgatar a Inovação; A Construção de Identidades Profissionais Docentes*. Temas de Investigação 20, Ministério da Educação, 2001. 496 p.

Moragas, Ricardo. *Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de Vida*, Helder Editorial, S. L., Barcelona, 2004.

Relvas (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Afrontamento, Porto, 1996.

Sousa, Liliana; Daniela Figueiredo; Margarida Cerqueira. *Envelhecer em Família: os Cuidados Familiares na Velhice*. Coleção Idade do Saber, Ambar, Porto, 2004. 171 p.